

ELEGIAS

Para José Maria (de Albuquerque Melo)

José Maria! José Maria! Nós dois vivemos
Uma vida sonhada e esquecida,
Uma vida passada, provada e perdida
Entre os velhos Recifes e as velhas pontes.

Caminhamos muitas vezes
Pelo istmo que vai do Recife a Olinda;
Quantas vezes estivemos em Gaibu
E depois visitamos Nazaré do Cabo
– Do Cabo de Santo Agostinho
– De Santo Agostinho.

Ainda sinto que te ouço
Mas não te vejo mais
Onde estás agora?

Desembarcamos uma vez na Ilha de Santo Aleixo
Partindo da foz do rio Serinhaém
Para vermos de perto a ilha isolada e deserta.

Continuam até hoje frutificando
As mangueiras da Ilha de Itamaracá:
Mangas Jasmim, mangas Carlota e Primavera.

Lembro a excursão que fizeste
Caminhando a pé até Goiana:
Viajava contigo Benedito Monteiro.

Na Ilha de Itamaracá, quantas vezes
Visitamos o Forte Orange.

– Vínhamos sempre navegando
Dentro de um barco a vela
Ao longo do canal da Ilha
Até Itapissuma, bem perto de Goiana.

Na praia de Tambaú, Paraíba do Norte,
Almoçávamos, às vezes, sopa de cabeça de peixe;
E subíamos a colina do Cabo Branco
Penetrando mar adentro.

Tudo agora, Zé Maria, continua como sempre.
Por todos os lugares onde passamos
Lembramos a tua companhia,
Sempre freqüente em nossos passeios.
– Sei que não te vejo
Mas parece-me que estás perto de mim.

Em que Recife
Em que Istmo
Em que praia Formosa
Em que Rocha aflorante
Nas águas cor de anil,
Vives ainda?

Adeus, Zé Maria!
São seis horas da tarde;
Os sinos das igrejas estão soando

Ave! Maria!

PARA MANUEL BANDEIRA

Pela sombra das palavras
Vê-se a forma que se estima
E que se pode acompanhar.

Manuel Bandeira inda hoje passeia
Pela rua da União
Na cidade do Recife,
Em frente à casa de seu avô.

Ou, quem sabe? Está há muitos anos
Na cidade de Pasárgada.
Às vezes também pensamos
Que fica sempre esperando
– *Pela Estrela da Manhã*.

Mas não se tem certeza.
Talvez o poeta
– *Esteja “numa estrela tão alta
Numa estrela tão fria
Uma estrela luzindo
Na sua vida vazia”*.

Que esteja em Curvelo é também possível.
A receber visitas dos seus amigos;
Pois o pai, a irmã já não viviam
– Em Curvelo – Santa Teresa.

Quantas vezes jantamos em casa de Rodrigo
E juntos voltávamos de bonde para a cidade.
Numa dessa vezes, Manuel, me contaste,
Como depois de muitos anos
Conseguiste fazer o poema “*Canção da Parada do Lucas*”.

Sei que se lembra bem do Rodrigo, de Da. Graciema
De Rodrigo Luís, de Joaquim Pedro e da pequena Clara.

Toda a tua história, Bandeira, era sabida,
Era conhecida como a de um homem
Que se tornou sozinho;
Que se encerrou consigo, desde Clavadel.

E agora, onde está agora, Manuel Bandeira?
Grande poeta desse nosso Mundo.

Lembro que José Olympio,
Para consagrar um dos teus livros por ele editado,
Um almoço te ofereceu, e aos teus amigos.

Penso também, de novo, nesse mesmo editor
– No dia dos teus oitenta anos –
Que nos fez voltar juntos para a cidade!

Manuel Bandeira!
Agora entre os que dormem, também estás dormindo!
– “*Dormindo profundamente*”.

RODRIGO, KRULS

Andei por muito tempo pelas terras de Minas
Uma vez descí na estação de Santa Bárbara.
Dessa estação viajei para Itabira do Mato Dentro.

Vi as noites de Ouro Preto; da Estação,
Vi a chuva caindo sobre a cidade.
Vi a chuva, de longe, enevoando as ladeiras,
E o antigo casario da cidade velha.

Visitei as igrejas do Aleijadinho,
Vi as procissões, o rito religioso na Páscoa.
Estive em Sabará,
Visitei o museu do ouro.

Vi Itaguaí, e o que restava
Do convento dos jesuítas.

Estive em Campos onde fui a Airises
Do professor Lamego, antigo senhor de engenho.

Aqui vai contado tudo quanto fiz
Sob as tuas ordens, Rodrigo,
Pois as ordens que davas
Já era grande parte; parte de tua vida,
Grande parte de nossa vida.

A casa em que moravas freqüentei,
Passava até alta noite conversando.
Nunca encontrei ninguém tão bom e complacente
Tão fácil em perdoar os que se enganam
E os que não se lembram.

Na casa em que moravas estavam sempre os teus amigos
Prudente de Moraes Neto, Afonso Arinos Melo Franco,
Pedro Nava – os Melo Franco sempre presentes –
Sérgio Buarque de Holanda, José Nabuco, ilustre advogado,
– A conversa prosseguia pela noite a dentro.

Lembro-me bem, Rodrigo, das vezes
Em que íamos jantar no Alto da Boa Vista
Em casa de Gastão Kruls que, também,
Já foi desse mundo.

Lembro-me que fui com você visitar o corpo
De Atilio Correia Lima,
Morto num desastre de avião
Já há muitos anos.

Fizemos um velório de poucas horas
Voltamos pesarosos pela perda
de um arquiteto tão jovem ainda.

Com esta lembrança de Atilio
Termino, em vossa glória, essa elegia.

AUGUSTO E SARAH
Para Augusto Mayer e Sarah

Em Porto Alegre, no Pavilhão de Pernambuco,
No ano de 1935 – no centenário
Da Farroupilha estava todo o dia
Junto de Augusto Meyer, e de Sarah sua mulher.

Pássavamos a noite conversando
Sobre a vida dos gaúchos, sobre aqueles
Que dormiram ao relento envolvidos
Num pelego.

Sarah falava como era que se dançava
Aqueles velhas danças do Rio Grande.

Assistimos onde morávamos
Assistimos fazer-se o churrasco
De gado novo ou de ovelha mansa.
Passeamos uma vez sobre o rio Guaíba,
Fomos até uma próxima localidade
Para ver a “mão”.

Assistimos a uma cavalhada.
E os improvisos em desafio dos repentistas.

Era a festa do centenário
Da Farroupilha; todos os Estados do Brasil
Tinham construído os seus pavilhões.

Experimentei, uma vez, saber o gosto
Do Chimarrão.

AUGUSTO NO RIO

Encontrei-o outra vez no Rio
Como chefe do Instituto Nacional do Livro.
E Sarah encontrei-a também trabalhando
Em vários negócios sucessivos.

Visitei-o mais de uma vez na Biblioteca
Visitei-o também onde morava, em Botafogo,
Numa casa que ficava
Defronte de ficus robustos.

Lembro-me de sua obra literária
Dos seus poemas “Giraluz”, “Duas Orações.”
“Poemas de Bilu,” tantos outros; a prosa dos pagos,
Cancioneiro Gaúcho, tantos outros mais; além da
sua obra de crítica onde o seu estilo, a sua veracidade
no que diz e a afirmação certa e perfeita é notável.

Agora com a sua lembrança
Deixo aqui minha saudade.

GONTIJO MENDES

Meu amigo Gontijo lembro-me bem.
De sua presença no Atelier de Oscar Niemeyer.
Estive há bem pouco com o vosso irmão.
Que boas notícias ele me deu da sua saúde.
– Meu amigo Gontijo! Nunca mais esquecerei
Da sua presença, dos seus gracejos
Na sua sincera explicação sobre as coisas deste mundo.

Gontijo!

– Aqui deixo em meu nome vossa alegria.